

ISSN 000-0000

BOLETIM DE CONJUNTURA
**MERCADO
DE TRABALHO**

4º TRIMESTRE DE 2019



SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS
ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA



Estado da Bahia

Governo do Estado da Bahia

Rui Costa

Secretaria do Planejamento – Seplan

Walter de Freitas Pinheiro

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais
da Bahia – SEI

Jorgete Oliveira Gomes da Costa

Diretoria de Pesquisas – Dipeq

Armando Affonso de Castro Neto

Coordenação Editorial

Armando Affonso de Castro Neto

Luiz Fernando Araújo Lobo

Elaboração Técnica

Guillermo Javier Pedreira Etkin

Luiz Chateaubriand Cavalcanti dos Santos

Luiz Fernando Araújo Lobo

Silvânia Ferreira Conceição

Coordenação de Biblioteca e Documentação – Cobi
Normalização

Eliana Marta Gomes Silva Sousa

Editoria-geral

Elisabete Cristina Teixeira Barretto

Editoria de Arte e de Estilo

Ludmila Nagamatsu

Revisão

Bernardo de Menezes

Editoração

Adir Filho

Projeto Gráfico

Nando Cordeiro

Av. Luiz Viana Filho, 4ª Av., 435, CAB.

Cep: 41.745-002. Salvador(BA)

Tel.: (71) 3115 4822 / 3115 4786 Fax.: (71) 3116 1781

www.sei.ba.gov.br

sei@sei.ba.gov.br

SUMÁRIO

4º TRIMESTRE DE 2019	1
CENÁRIO ECONÔMICO	2
MERCADO DE TRABALHO SEGUNDO O CAGED	3
MERCADO DE TRABALHO SEGUNDO A PNADC	9
PERSPECTIVAS PARA O MERCADO DE TRABALHO	14
Expectativa dos empresários baianos para o emprego	14
Projeção do emprego formal	15
CONSIDERAÇÕES FINAIS	16
NOTAS METODOLÓGICAS	17
Pesquisa de confiança do empresariado baiano	17
Projeções do mercado de trabalho formal	18

4º TRIMESTRE DE 2019

Outro ano chegou ao fim e nenhuma novidade que mereça grande destaque. Em termos de desempenho, mais do mesmo: resultado entre fraco e moderado no geral. O crescimento econômico não se revelou expressivo e os indicadores da atividade econômica ficaram, em sua maioria, aquém dos níveis prenunciados. É verdade que a Bahia e o Brasil, em termos de Produto Interno Bruto (PIB), experimentaram o terceiro ano consecutivo de expansão – entretanto, em magnitudes insuficientes para suplantar as perdas ocorridas em 2015 e 2016. Assim, a reação, na medida necessária e desejada, mais uma vez, não se materializou. Frustração, portanto, foi o que restou das expectativas iniciais.

O período recessivo, cada vez mais distante no tempo, portanto, ainda não significou a inauguração de um processo vigoroso de recuperação e o retorno aos níveis pré-crise. Assim sendo, o atual cenário não pode ser carimbado com o logotipo da retomada no sentido estrito de regresso à condição ou ao padrão anterior. As expectativas de redenção, agora, se encontram todas voltadas para o ano recém-iniciado. No entanto, faz-se importante preservar o alerta: a lentidão se manterá como principal predicado desse percurso – ainda mais diante da ocorrência recente de choques em escala global, como a pandemia de coronavírus, que tende a representar um grande desafio às nações e produzir efeitos econômicos adversos à medida que o surto assume papel de protagonista na desaceleração econômica mundial. Enfim, o desafio da retomada continua posto, mas agora num ambiente com obstáculos e incertezas amplificados.

As atribuições também alcançaram o mercado de trabalho. Assim, como reflexo do que tem sucedido no ambiente macroeconômico, que segue uma longa e tortuosa trilha de restauração, termina por faltar fôlego e vigor ao mercado de trabalho, que segue uma dinâmica própria, com movimentos retardados perante os ciclos econômicos. Nesse contexto, a reabilitação fica comprometida, reforçando o entendimento de tratar-se de um processo lento e gradual. Mesmo diante de um quadro relativamente mais favorável no ano de 2019 do que nos anos anteriores, o mercado de trabalho ainda não emplacou um processo de melhoria pujante e universal. Ainda que os últimos resultados permitam crer que o cenário conjuntural hostil tenha ficado para trás, não se pode defender a ideia irrestrita de progresso sustentável e robusto.

Sem desconsiderar a ocorrência de resultados positivos, a evolução do mercado de trabalho não pode ser contemplada sem que esteja emoldurada por ressalvas. Na Bahia, especificamente, a fase atual de geração de postos formais tem sido muito mais vagarosa e menos impactante do que a de supressão líquida vivenciada nos meses de crise, visto que o saldo de aproximadamente 62 mil vagas, geradas de 2017 até dezembro de 2019, sequer alcançou a metade do montante de quase 150 mil postos eliminados em 2015 e 2016; o surgimento líquido de empregos com carteira assinada em 2019 se deu, única e exclusivamente, nos postos que remuneravam menos – as faixas de até um e de um a dois salários mínimos; mesmo com as quedas trimestrais recentes, em 2019, a taxa média de desocupação foi a maior da série e a segunda mais elevada do país; o quantitativo médio de desocupados, o de subocupados por insuficiência de horas trabalhadas, a taxa média de subocupação e a de subutilização da força de trabalho para o ano de 2019 também exibiram os maiores valores da série; em 2019, o crescimento da população ocupada não foi suficiente para frear a alta da taxa de desocupação; o montante de indivíduos fora da força de trabalho bateu recorde em 2019; no ano que terminou, o estado contabilizou o segundo maior exército de desalentados já registrado em seu território e o maior do país; além de contar com mais da metade dos trabalhadores baianos em ocupações informais, a

informalidade atingiu seu maior grau desde 2016; o rendimento médio real dos trabalhadores locais em 2019 se mostrou inferior ao de um ano antes; e a massa real de rendimentos dos ocupados baianos também diminuiu em um ano. Tudo isso sem se debruçar sobre a qualidade das ocupações geradas.

Os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) são os principais recursos para o exame da realidade laboral baiana neste boletim. Como será possível acompanhar ao longo do texto, as informações levantadas e as considerações erigidas sugerem que o mercado de trabalho local se encontra em rota de progresso gradativo, mas com pouca disseminação e robustez. Apesar da recomposição de alguns indicadores no período recente, fica patente a necessidade de maiores avanços para se emplacar uma recuperação ampla e enraizada. Assim, a cautela se constitui num dos pré-requisitos para a compreensão da grandeza e do alcance da reabilitação observada por ora.

CENÁRIO ECONÔMICO

O quarto trimestre foi ligeiramente melhor que o terceiro. Entretanto, não foi desta vez que a economia baiana deslanchou. A conclusão continua a mesma: há uma morosidade quase generalizada e persistente. Mais uma vez, apenas o setor de comércio celebrou desfecho positivo, só que agora pautado por um maior dinamismo. A atividade agropecuária, após o bom desempenho do ano passado, tende a confirmar uma produção bem menor este ano. A indústria continuou vivenciando um cenário desalentador, permanecendo distante de uma rota de recuperação. O setor de serviços, que já havia despontado com resultado negativo ao final do terceiro trimestre, deu seguimento à perda de fôlego. Em contrapartida, o empresariado baiano voltou a nutrir alguma esperança de inflexão no quadro, de forma que o indicador de confiança demonstrou reação e apontou otimismo no último mês do trimestre mais recente.

De maneira efetiva, conforme o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), relativo ao mês de dezembro, a estimativa para a safra baiana de grãos de 2019 apontou o encolhimento de 10,1% em relação ao volume do ano anterior, quando a produção totalizou quase 10,0 milhões de toneladas. A produção física de grãos deverá fechar o ano com aproximadamente 9,0 milhões de toneladas. Dessa forma, diante da expectativa de ampliação de 0,9% da área colhida, a produtividade, entendida como a relação entre produção física e área colhida, deverá retrair 10,9%.

Em relação à indústria, de acordo com as informações da Pesquisa Industrial Mensal, do IBGE, a produção baiana acumulada de outubro a dezembro de 2019 teve uma diminuição de 2,8% frente ao montante produzido no mesmo intervalo de 2018 – emendando seis quedas seguidas nessa base de comparação. O decréscimo no ritmo produtivo do setor ocorreu tanto na indústria de transformação, a qual recuou 2,5%, quanto na extrativa, onde houve queda de 7,8% em relação ao quarto trimestre do ano passado. No acumulado dos 12 meses do ano, o quadro também foi de moderado revés para o total da atividade fabril, com retração de 2,9% em relação a igual período imediatamente anterior.

O setor de serviços apresentou nova retração no trimestre mais recente. Conforme a Pesquisa Mensal de Serviços, do IBGE, o volume de serviços prestados, acumulado entre outubro e dezembro de 2019, em relação ao observado nos mesmos meses de 2018, exibiu uma redução

de 3,1% – sétima queda seguida após três altas sucessivas na comparação interanual por trimestre móvel. No acumulado dos últimos 12 meses, a variação continuou negativa, apontando retrocesso de 2,4% no ano.

Relativamente à atividade comercial, a Pesquisa Mensal de Comércio, do IBGE, mostrou uma alteração positiva no volume de vendas do varejo baiano no quarto trimestre de 2019 no confronto interanual, com alta de 4,9%. A comparação com o mesmo período do ano anterior apresentou o quarto avanço consecutivo. No acumulado de 12 meses, frente a igual intervalo imediatamente anterior, o indicador para o volume de vendas também apontou ampliação, no caso de 2,1% – completando 11 meses com resultado acima de zero nessa base de comparação.

Por fim, ao final do trimestre, conforme o Indicador de Confiança do Empresariado Baiano (ICEB), calculado pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), a confiança do empresariado local voltou a se situar num patamar acima de zero. Dentro do próprio trimestre, houve regeneração, já que o ICEB terminou num patamar superior ao do início. Em vista disso, a dinâmica de retomada da confiança dos empresários do estado, observada desde abril de 2016, quando o ICEB marcou -488 pontos, parece ter ganhado fôlego ao longo do quarto trimestre de 2019 (em outubro, -106 pontos; em novembro, -3 pontos; e em dezembro, 1 ponto), repercutindo um processo de recuperação das expectativas, assim como ocorrido ao final do ano de 2018. Assumindo um viés de alta e passando a indicar otimismo, mesmo que embrionário, os últimos resultados do ICEB retomaram o movimento mais amplo de resgate da confiança no meio empresarial baiano iniciado há mais de três anos e assim fortaleceram a crença de que o otimismo se firme nos próximos meses.

MERCADO DE TRABALHO SEGUNDO O CAGED

A Bahia, em termos de médias móveis de 12 meses, contabilizando os registros do quarto trimestre, já experimenta 25 meses seguidos com saldo positivo de empregos formais¹. Antes disso, porém, foram 33 meses ininterruptos sem surgimento líquido de oportunidades ocupacionais. Quase equivalentes em extensão, o intervalo de geração, no entanto, ainda não exibiu a mesma amplitude do período de supressão de postos. Assim, mesmo evidenciando ter relegado ao passado os momentos mais críticos, o mercado de trabalho baiano ainda não ratificou um ciclo amplo e enraizado de restabelecimento – seguindo, por ora, apenas um itinerário paulatino de reabilitação.

Mesmo num patamar médio acima ao de um ano antes, a geração líquida de postos em 2019 foi marcada por muitos altos e baixos, sendo as quedas mais numerosas que os avanços. Portanto, além de vagaroso, o percurso nem sempre tem sido contínuo. Se em 2018 a trajetória de resultados positivos se mostrou nitidamente crescente, apesar de algumas descaídas, o mesmo não pode ser afiançado para o ano mais recente. O ritmo da restauração constatado em 2018 não se reproduziu em 2019, denunciando um comportamento próprio de uma recuperação arrastada e sem tração.

¹ Ao longo do texto, o termo emprego formal se refere à relação empregatícia com contrato de trabalho regido pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

Os últimos meses do ano, especificamente, ajudaram a confirmar a lentidão do processo de regeneração. O terceiro trimestre evidenciou três recuos em sequência e o quarto trimestre, mesmo com alguma melhora, encerrou com um saldo médio muito próximo ao do fechamento de 2018, ampliando a suspeição quanto à intensidade da restauração – isso, entretanto, após a chancela, em junho, do melhor resultado dos últimos 63 meses, uma geração média de 3.308 postos (Gráfico 1). Dessa maneira, mesmo superado o ciclo de contração e perante manifesto progresso, o mercado de trabalho local ainda requer um dinamismo bem mais vigoroso para, no mínimo, compensar as perdas líquidas ocorridas no passado.

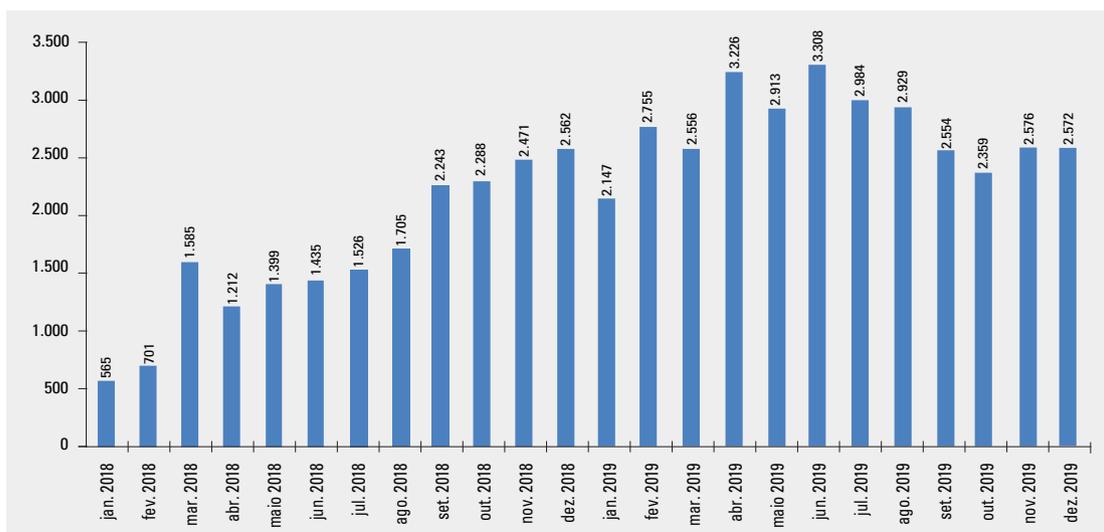


Gráfico 1

Evolução do saldo de empregos formais por média móvel de doze meses – Bahia – Jan. 2018-dez. 2019

Fonte: Ministério da Economia – Secretaria Especial de Previdência e Trabalho – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).
Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2020.

Em 2019, ao todo, foram criados 30.858 postos de trabalho na Bahia, o que representou uma elevação de aproximadamente 1,8% no contingente de 1.692.114 empregos com carteira assinada existente ao final do ano anterior – mantendo, dessa forma, o processo de reabilitação vivenciado em 2018, quando emergiram 30.746 postos. Assim, considerando-se o ano de 2017, quando 100 novas vagas foram abertas, o saldo mais recente representou o terceiro resultado anual positivo seguido. Entretanto, não se pode perder de vista que ainda falta muito para, pelo menos, neutralizar as perdas dos anos de crise, quando quase 150 mil postos celetistas foram encerrados – especificamente 76.090 e 73.067 postos em 2015 e 2016, respectivamente.

O derradeiro trimestre de 2019 foi mais um quarto trimestre típico na Bahia, pelo menos desde 2010. No referido trimestre, ocorreu um recuo da ocupação, com uma supressão líquida de 8.007 vagas. No ano, foi o único saldo trimestral negativo. O alento, entretanto, fica por conta de uma eliminação líquida menor agora do que no mesmo intervalo do ano anterior, quando 8.219 postos foram encerrados (Gráfico 2). Aliás, trata-se do resultado mais suave para um quarto trimestre desde 2013.

A perda líquida de empregos no mercado de trabalho baiano foi realidade em dois meses do referido trimestre, já que um deles testemunhou aumento da ocupação – diferentemente, portanto, do acontecido um ano antes, quando somente um dos meses evidenciou resultado negativo, o mês de dezembro no caso. Enquanto outubro e dezembro despontaram com saldos negativos, de 869 e 11.374 vagas fechadas, respectivamente, o mês de novembro comportou um resultado positivo, com 4.236 postos gerados. Em todo o ano, aliás, somente três meses apresentaram saldo negativo – além de outubro e dezembro, o mês de julho.

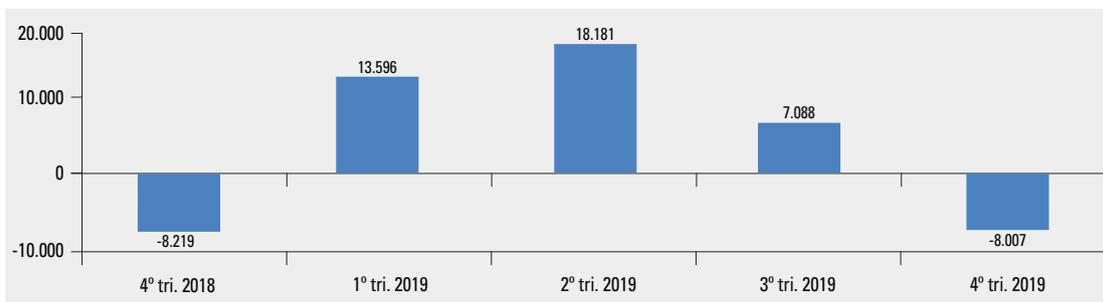


Gráfico 2
Evolução do saldo de empregos formais por trimestre – Bahia – 4º tri. 2018-4º tri. 2019

Fonte: Ministério da Economia – Secretaria Especial de Previdência e Trabalho – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2020.

Excetuando-se o saldo do último mês, os demais contam com o ajuste das declarações fora do prazo.

O encolhimento do mercado de trabalho formal baiano no quarto trimestre não atingiu todos os estratos setoriais, já que houve surgimento líquido de postos em dois deles. Nesse aspecto, a situação se revelou mais desfavorável do que a do mesmo trimestre do ano anterior, quando quatro setores abriram mais vagas do que fecharam. Além do mais, desta vez, em termos de saldo, apenas três das oito atividades exibiram um desempenho melhor do que há um ano (Comércio, Administração Pública e Agropecuária). O comparativo com o intervalo imediatamente antecedente também desnuda uma situação mais deteriorada, visto que no terceiro trimestre apenas um setor havia apontado saldo negativo e sete setores revelaram resultado líquido melhor (Tabela 1).

Em uma avaliação setorial, o Comércio, com geração líquida de 6.650 postos de trabalho no quarto trimestre de 2019, destacou-se com o desempenho mais proeminente. O setor de Serviços Industriais de Utilidade Pública (+269 postos) foi o outro com resultado positivo. Em contrapartida, conforme se pode acompanhar pela tabela abaixo, os setores de Agropecuária (-4.838 postos), Indústria de Transformação (-4.035 postos) e Construção Civil (-3.673 postos) foram os de maior dispensa líquida de trabalhadores no citado intervalo na Bahia.

Tabela 1
Saldo de empregos formais por setor de atividade econômica, por trimestre – Bahia – 4º tri. 2018/3º tri. 2019/4º tri. 2019

Setor de atividade econômica	4º tri. 2018	3º tri. 2019	4º tri. 2019
Extrativa Mineral	60	154	-60
Indústria de Transformação	-3.229	2.557	-4.035
Serviços Industriais de Utilidade Pública	629	314	269
Construção Civil	-3.530	5.081	-3.673
Comércio	5.018	499	6.650
Serviços	1.763	1.054	-1.517
Administração Pública	-876	364	-803
Agropecuária, Ext. Vegetal, Caça e Pesca	-8.054	-2.935	-4.838
Total	-8.219	7.088	-8.007

Fonte: Ministério da Economia – Secretaria Especial de Previdência e Trabalho – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2020.

Excetuando-se o saldo do último mês, os demais dados contam com o ajuste das declarações realizadas fora do prazo.

O saldo de empregos com carteira assinada também foi negativo para o país no quarto trimestre de 2019, com 132.556 postos a menos. No entanto, vale ressaltar, nem todas as regiões subtraíram postos de trabalho. O Nordeste, com ganho líquido de 6.207 empregos celetistas, foi a única com geração líquida de postos. O Sudeste, com o desaparecimento de 85.961 vagas, registrou a maior supressão líquida. Das unidades da Federação, em 16 houve encerramento líquido. No *ranking* nacional, do maior ao menor saldo, a Bahia, com decréscimo de 8.007 oportunidades ocupacionais, ficou na 22ª posição, oito colocações abaixo da verificada no trimestre anterior. Entre os estados nordestinos, apenas três obtiveram resultado negativo. A Bahia ficou com o pior desempenho regional, enquanto Ceará (+4.987 postos) exibiu o maior saldo do Nordeste no mesmo período.

Quanto à distribuição intraestadual, no quarto trimestre deste ano, a Região Metropolitana de Salvador (RMS) e o interior experimentaram encerramento líquido de vagas – diferentemente do ocorrido um ano antes, quando tal fato ocorreu apenas no interior (Tabela 2). Enquanto na primeira região foram eliminados 2.121 empregos com registro em carteira, na segunda, o resultado foi de 5.886 postos a menos – situação mais desfavorável para a RMS e menos para o interior do que há um ano. Em comparação com o trimestre imediatamente antecedente, quando oportunidades despontaram nas duas localidades, o quadro atual se mostrou mais deteriorado para ambas.

Ao longo dos doze meses de 2019, a criação de empregos formais na Bahia (+30.858 postos) foi avalizada principalmente pelo desempenho do interior (+26.141 postos), já que a RMS (+4.717 postos) registrou um ganho líquido de postos menos expressivo, pouco menos de um quinto do saldo do interior, o que evidenciou o protagonismo daquela instância geográfica na geração de vagas no estado. De certa forma, o espaço metropolitano se constituiu num entrave a um dinamismo mais contundente do mercado de trabalho formal em território baiano no último ano.

Tabela 2
Saldo de empregos formais entre RMS e interior, por trimestre – 4º tri. 2018/3º tri. 2019/4º tri. 2019

Área geográfica	4º tri. 2018	3º tri. 2019	4º tri. 2019
Bahia	-8.219	7.088	-8.007
RMS	2.703	939	-2.121
Interior	-10.922	6.149	-5.886

Fonte: Ministério da Economia – Secretaria Especial de Previdência e Trabalho – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2020.

A RMS engloba os municípios de Camaçari, Candeias, Dias D'Ávila, Itaparica, Lauro de Freitas, Madre de Deus, Mata de São João, Pojuca, Salvador, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passé, Simões Filho e Vera Cruz (Lei nº 13.468/2015).

O saldo negativo de 8.007 empregos formais na Bahia, observado no quarto trimestre, foi proveniente de 152.444 admissões e 160.451 desligamentos (Tabela 3). Em relação ao mesmo trimestre do ano antecedente, tanto as admissões quanto os desligamentos aumentaram – aquelas em 7,6% (10.810 admitidos a mais) e estes em 7,1% (10.598 desligados a mais). A alta das contratações numa amplitude superior ao aumento dos desligamentos ajuda a entender a ocorrência de um resultado negativo relativamente menos acentuado no trimestre recente.

Com o estoque de empregos ainda distante dos maiores níveis, o que teoricamente confere alguma rigidez aos desligamentos, o quantitativo das demissões desperta certa preocupação, pois se revelou o mais dilatado desde o último trimestre de 2016. O número de admitidos, por sua vez, representou um alento, já que foi o mais elevado para um quarto trimestre desde 2014. Essa situação permite inferir que o obstáculo para uma sólida alavancagem do mercado de trabalho baiano no último trimestre de 2019 pode ter se deslocado da dificuldade em se alocar e realocar para a de se manter em uma vaga.

Conforme a tabela abaixo, houve aumento na maioria das formas de movimentação no mercado de trabalho baiano no quarto trimestre de 2019 em relação ao último trimestre de 2018². Em termos absolutos, a alta nas admissões ecoou essencialmente a ascensão em duas das formas de contratação: a admissão por reemprego e o contrato por prazo determinado. Enquanto isso, a elevação nos desligamentos foi puxada principalmente pelo crescimento verificado nas demissões sem justa causa, nos desligamentos a pedido e nos desligamentos por término de contrato.

No campo das admissões, o reemprego³, tipo de contratação mais comum, avançou 5,9% na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior. Quanto aos desligamentos, a demissão sem justa causa, forma mais habitual de findar uma relação empregatícia, apresentou crescimento de 5,3%. Entre todas as categorias, em termos relativos, os desligamentos por acordo (+33,2%) e os contratos por prazo determinado (+28,8%) exibiram as maiores altas de um trimestre para outro. Na outra ponta, as admissões por reintegração (-25,3%) e as demissões com justa causa (-5,8%) apresentaram os recuos de maior magnitude relativa.

Tabela 3
Comportamento do mercado de trabalho formal por tipo de movimentação no quadro de empregados, por trimestre – Bahia – 4º tri. 2018/4º tri. 2019

Tipo mov. desagregado	4º tri. 2018	4º tri. 2019	Variação	
			Relativa	Absoluta
Admissão por Reemprego	117.462	124.438	5,9%	6.976
Contrato Trabalho Prazo Determinado	12.036	15.499	28,8%	3.463
Admissão por Primeiro Emprego	11.970	12.383	3,5%	413
Admissão por Reintegração	166	124	-25,3%	-42
Admissão por Transferência	0	0	-	-
Total de Admissões	141.634	152.444	7,6%	10.810
Desligamento por Demissão sem Justa Causa	96.108	101.234	5,3%	5.126
Desligamento por Término de Contrato	27.301	28.733	5,2%	1.432
Desligamento a Pedido	17.341	20.099	15,9%	2.758
Término Contrato Trabalho Prazo Determinado	6.465	7.435	15,0%	970
Desligamento por Acordo Empregado e Empregador	1.066	1.420	33,2%	354
Desligamento por Demissão com Justa Causa	989	932	-5,8%	-57
Desligamento por Morte	469	488	4,1%	19
Desligamento por Aposentadoria	114	110	-3,5%	-4
Desligamento por Transferência	0	0	-	-
Total de Desligamentos	149.853	160.451	7,1%	10.598
Saldo (Admissões - Desligamentos)	-8.219	-8.007	-	-

Fonte: Ministério da Economia – Secretaria Especial de Previdência e Trabalho – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2020.

Excetuando-se o saldo do último mês, os demais dados contam com o ajuste das declarações realizadas fora do prazo.

De outubro a dezembro, reforçado pelo resultado negativo do agregado, o fechamento líquido de vagas aconteceu em quase todos os estratos de remuneração – com exceção de um, o de mais baixo retorno financeiro. Trata-se de um panorama semelhante ao observado há um ano. Entretanto, em relação ao terceiro trimestre, quando a abertura líquida de postos ocorreu em três categorias (de até um, de um a dois e de dois a cinco salários mínimos), a cena se revelou deteriorada (Gráfico 3).

2 O desligamento por acordo se trata de uma nova categoria de movimentação, criada pela mais recente reforma trabalhista (Lei nº 13.467/17), cuja vigência teve início no dia 11 de novembro de 2017.

3 Reempregado é aquele que já havia exercido ocupação formal no mercado de trabalho anteriormente.

Assim como no quarto trimestre de 2018, portanto, a única geração líquida de vínculos despontou no grupamento de até um salário mínimo no intervalo mais recente. O maior corte líquido, por sua vez, também ocorreu na mesma camada de um ano antes, a de um a dois salários mínimos. No trimestre imediatamente antecedente, as faixas de um a dois e de cinco a dez salários mínimos foram os destaques positivo e negativo, respectivamente.

Em um ano, a variação no saldo de postos de trabalho foi positiva em três das faixas de rendimento, as de até um, de um a dois e de dez ou mais salários mínimos. A de um a dois salários mínimos foi a que mais avançou. Entre as categorias que regrediram no quesito saldo, a dos que receberam de dois a cinco salários mínimos apresentou a maior diferença em termos absolutos. Em relação ao terceiro trimestre de 2019, o atrofiamento somente não aconteceu em uma das classes, a de até um salário mínimo – quer dizer, a categoria dos que receberam as menores remunerações foi a única cujo volume não desidratou.

No último trimestre do ano, enfim, a captação líquida de trabalhadores somente se deu para os postos que pagavam menos, a faixa de até um salário mínimo – com o resultado positivo nesta não tendo sido suficiente para suplantar o somatório dos saldos negativos nas demais. Assim, a tática de disponibilizar oportunidades para as ocupações com as mais baixas remunerações, adotada pelas empresas como forma de evitar o avanço dos custos, parece ter sido aplicada no quarto trimestre, já que se restringiu apenas àquelas na faixa de até um salário mínimo, conduta condizente com um panorama econômico de recuperação lenta e inconstante.

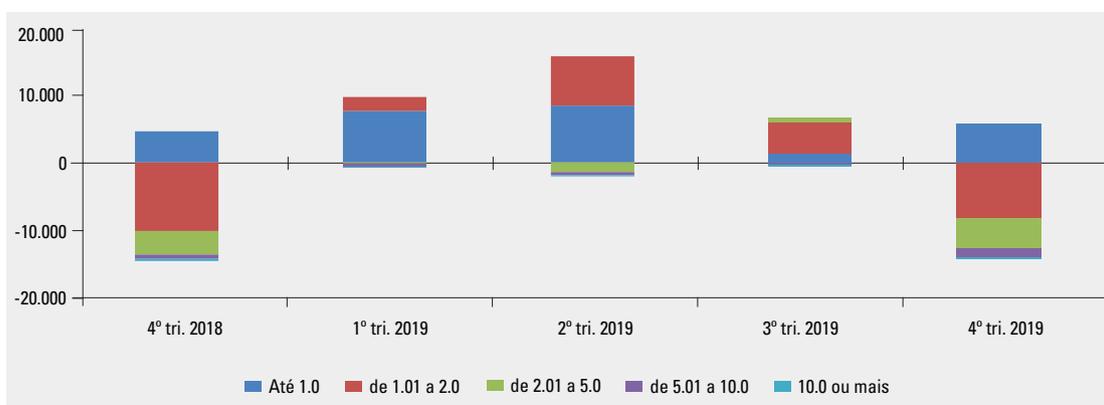


Gráfico 3
Evolução trimestral do saldo de empregos formais por faixa de salário mínimo – Bahia – 4º tri. 2018-4º tri. 2019

Fonte: Ministério da Economia – Secretaria Especial de Previdência e Trabalho – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2020.

As informações trabalhadas não contemplam as declarações fora do prazo.

O salário real médio de admissão na Bahia chegou a R\$ 1.422 no quarto trimestre de 2019 – inferior em R\$ 189 em relação ao do país, de R\$ 1.611. Trata-se da segunda menor quantia do ano. A remuneração média dos trabalhadores admitidos, assim, manteve o movimento de vaivém e, após a alta no período imediatamente anterior, voltou a se retrair no trimestre mais recente. Em relação ao trimestre antecedente, quando alcançou R\$ 1.462, houve queda de 2,7%. Na comparação interanual, ocorreu uma subida de 3,2%, já que, à época, o valor havia sido de R\$ 1.378. A evolução trimestral deste importante indicador pode ser acompanhada no gráfico abaixo.

O salário real médio de desligamento, por sua vez, emendou a terceira alta seguida na Bahia, ficando num nível superior aos registrados em todos os trimestres convencionais de dois anos

para cá (Gráfico 4). O valor mais recente chegou a R\$ 1.571, o que representou um aumento de 4,8% e 4,2% sobre aqueles registrados no mesmo intervalo de 2018 e no trimestre imediatamente anterior, respectivamente. No Brasil, no período tratado, o montante havia sido de R\$ 1.811, ficando, portanto, R\$ 240 acima do registrado em território baiano.

A diferença relativa entre o salário real médio dos desligados e admitidos, no quarto trimestre, aumentou comparativamente às observadas no trimestre anterior e no mesmo trimestre de 2018. Enquanto no intervalo mais atual, o trabalhador admitido recebeu, em média, 90,5% do recebido pelo trabalhador desligado, no trimestre precedente e no quarto de 2018, esses percentuais foram de 96,9% e 91,9%, respectivamente – denotando, dessa maneira, recuo do preço de rotatividade da mão de obra na Bahia.

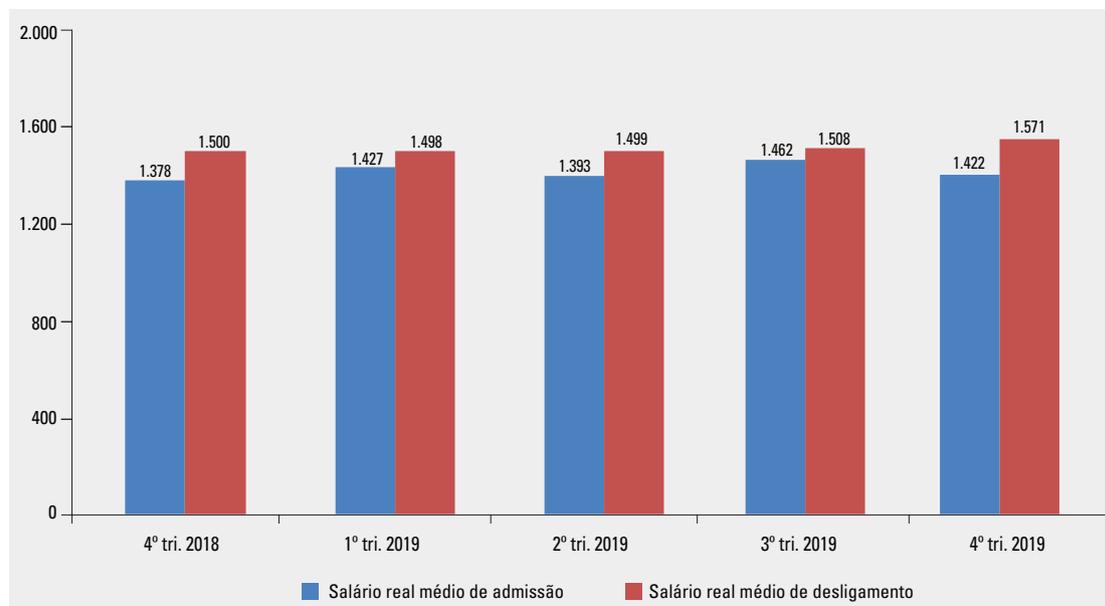


Gráfico 4
Salário real médio de admissão e de desligamento por trimestre – Bahia – 4º tri. 2018-4º tri. 2019

Fonte: Ministério da Economia – Secretaria Especial de Previdência e Trabalho – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2020.

Dados deflacionados em relação a dezembro de 2019 pelo INPC.

MERCADO DE TRABALHO SEGUNDO A PNADC

Conforme dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, sintetizados na Tabela 4, a desocupação na Bahia atingiu 16,4% da população na força de trabalho no quarto trimestre de 2019. O resultado em questão representou a décima primeira maior taxa trimestral de desocupação desde o início da pesquisa, mas a terceira maior quando se volta apenas aos registros dos quartos trimestres⁴. Para o território brasileiro como um todo, a taxa foi de 11,0% no referido trimestre, o décimo quinto maior valor desde o princípio da série.

4 A PNADC foi implantada em caráter definitivo em janeiro de 2012.

A Bahia persistiu com uma taxa de desocupação superior às do Brasil (11,0%) e do Nordeste (13,6%) no quarto trimestre de 2019. A Região Nordeste, por sinal, permaneceu com a mais alta taxa entre as regiões brasileiras, ficando a Região Sul com a menor (6,8%). Entre as unidades da Federação, a Bahia exibiu a mais elevada taxa – fato repetido pela terceira vez em sequência. Enquanto isso, Amapá (15,6%) foi o estado com a segunda maior taxa no período, e Santa Catarina (5,3%) apresentou a menor. Na Bahia, portanto, a referida taxa foi mais do que o triplo da observada em Santa Catarina.

Após a subida no início deste ano, quando atingiu 18,3%, a taxa de desocupação no estado reduziu seguidamente e recuou 1,9 ponto percentual nos três trimestres seguintes (Gráfico 5). Do primeiro ao segundo trimestre do ano, quando passou para 17,3%, a taxa diminuiu 1,0 ponto percentual; em seguida, na passagem ao terceiro trimestre, diminuiu 0,5 ponto percentual e, agora, em relação ao trimestre imediatamente antecedente, a queda foi de 0,4 ponto percentual. Em relação ao mesmo conjunto de meses de 2018, quando o indicador foi estimado em 17,4%, houve decréscimo, com a taxa mais recente ficando 1,0 ponto percentual abaixo⁵.

Assim, depois de duas altas em sequência, ocorridas no último trimestre de 2018 e no primeiro deste ano, a taxa de desocupação diminuiu pela terceira vez e fortaleceu a trajetória a jusante, fazendo desse percurso um elemento de reforço perante a perspectiva de reabilitação. Além do mais, no último trimestre de 2019, diferentemente do verificado nos três anteriores, a taxa trimestral de desocupação se mostrou menor que sua correspondente no ano imediatamente anterior. Apesar de animadora, a dinâmica recente não chega a ser surpresa, pois reflete um comportamento relativamente comum do mercado de trabalho nessa época do ano – apenas em 2012, 2016 e 2018, a taxa do quarto trimestre não ficou abaixo da do terceiro. Entretanto, por fim, em 2019, a Bahia exibiu a maior taxa média de desocupação da série, 17,2% – o que manteve o estado com o segundo maior registro entre as unidades federativas, atrás apenas do observado para o Amapá (17,4%).

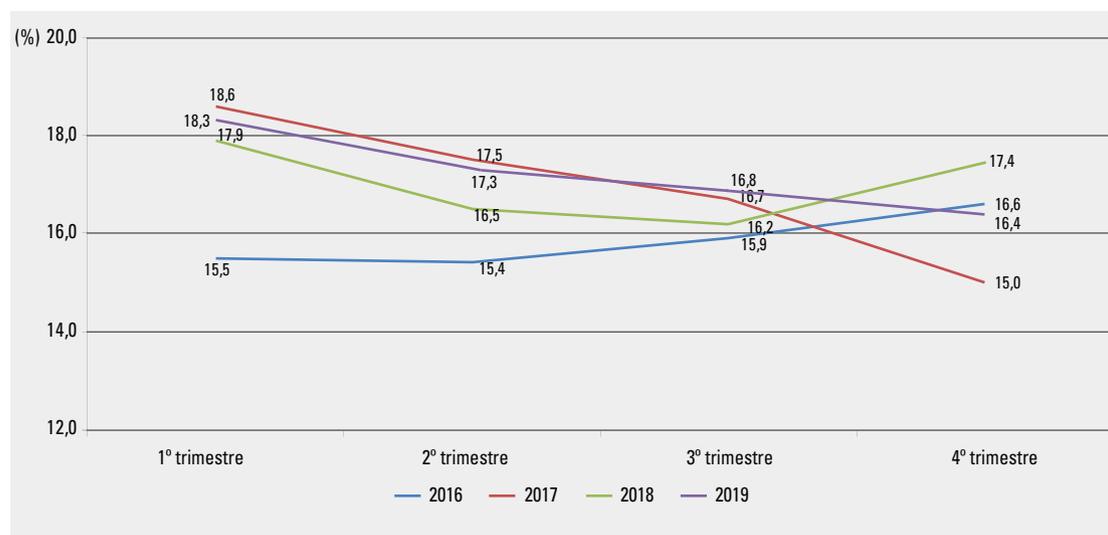


Gráfico 5
Taxa trimestral de desocupação – Bahia – 2016-2019

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC).
Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2020.

⁵ As reduções verificadas tanto em relação ao terceiro trimestre deste ano quanto ao quarto trimestre de 2018, tecnicamente, sugerem estabilidade, já que não se mostraram significativas estatisticamente.

O percentual de pessoas de 14 anos ou mais de idade ocupadas em território baiano aumentou no comparativo com o trimestre imediatamente antecedente e, também, em relação ao de um ano antes. Dessa forma, o nível da ocupação ficou em 48,5% no quarto trimestre, ao passo que havia sido de 48,4% e 48,2% no terceiro trimestre deste ano e no quarto de 2018, respectivamente. A taxa de participação, por sua vez, exibiu recuo em relação aos trimestres de referência, registrando 58,0% no intervalo mais recente – queda de 0,2 ponto percentual quanto ao terceiro trimestre e de 0,4 ponto percentual em comparação com o último trimestre de 2018⁶.

No trimestre analisado, a população ocupada foi estimada em 5,809 milhões, representando alta de 1,0% (+56 mil pessoas) em contraponto ao mesmo período do ano passado e de 0,1% (+7 mil) comparativamente ao trimestre imediatamente anterior. A população desocupada foi estimada em 1,141 milhão de indivíduos, recuo de 2,5% (-29 mil) frente à do terceiro trimestre e queda de 5,8% (-70 mil) em relação à do mesmo trimestre de um ano antes. Assim sendo, em relação ao registrado há um ano, a geração de postos de trabalho (+56 mil) ao tempo em que ocorria a saída de indivíduos na força de trabalho (-14 mil) terminou por pressionar para baixo o contingente de desocupados (-70 mil). A queda da taxa de desocupação em um ano, como se vê, foi potencializada tanto pelo aumento do número de ocupados quanto pelo recuo do montante de pessoas procurando por trabalho.

A despeito do recuo do número de desocupados na margem, o tempo de permanência na desocupação mostrou aumento na Bahia, constituindo-se numa trincheira adicional para um recuo mais veloz do desemprego e num fator potencializador do desalento. A parcela de pessoas sem ocupação e procurando por trabalho durante um ano ou mais passou de 41,6% para 43,5% do terceiro ao quarto trimestre – especificamente, a porção de desocupados entre um e dois anos diminuiu e aquela por dois anos ou mais se elevou, visto que passaram de 13,9% e 27,7% para 12,6% e 30,9%, respectivamente (Gráfico 6). Portanto, um dado ainda preocupante, já que mais de quatro em cada dez desocupados se encontravam há pelo menos um ano nessa condição no trimestre mais recente, ou seja, mais de 40,0% enfrentavam o drama do desemprego de longa duração. Em um ano, além do mais, também houve aumento, já que à época essa parcela estava em 42,4%.

Por sua vez, o desemprego de curta duração reduziu em relação ao trimestre imediatamente passado. O percentual dos que buscavam uma recolocação no mercado de trabalho, no espaço inferior a um ano, diminuiu nesse período, passando de 58,4% para 56,5% – indicando uma reposição menos célere. No caso, a proporção de desocupados há menos de um mês aumentou e a de um mês a menos de um ano diminuiu, já que saíram de 14,3% e 44,1% para 17,6% e 38,9% entre os trimestres consecutivos mais recentes, respectivamente. Em um ano também ocorreu uma redução, já que a proporção de desocupados com tempo de procura inferior a 12 meses havia sido de 57,7%.

De outubro a dezembro deste ano, entre os desocupados baianos, 201 mil (17,6%) procuravam ocupação há menos de um mês; 444 mil (38,9%), entre um mês e menos de um ano; 144 mil

6 O nível da ocupação diz respeito ao percentual de ocupados em relação às pessoas em idade de trabalhar, enquanto a taxa de participação se refere ao percentual de pessoas na força de trabalho em relação às pessoas em idade de trabalhar.

(12,6%), entre um ano e menos de dois anos; e 352 mil (30,9%) buscavam há pelo menos dois anos. Na Bahia, portanto, 496 mil (ou 43,5%) pessoas vivenciavam um quadro de desemprego duradouro à época – o que correspondia a 10,9% do contingente nessa circunstância em território brasileiro (4,560 milhões de pessoas).

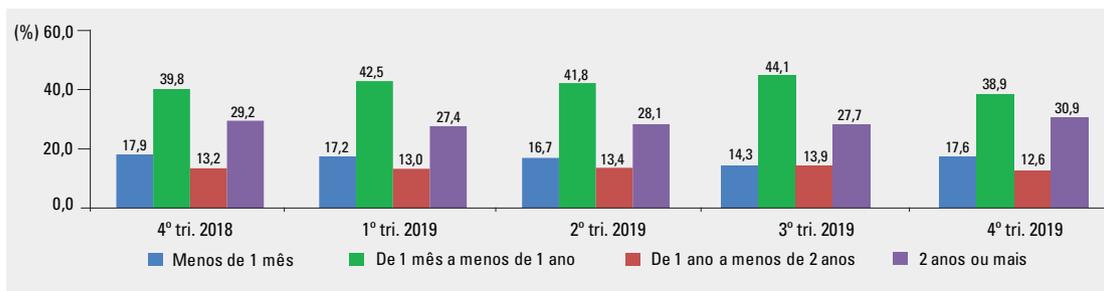


Gráfico 6
Proporção de pessoas desocupadas por tempo de procura de trabalho – Bahia – 4º tri. 2018-4º tri. 2019

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC).
Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2020.

Além da queda no índice de desocupação em um ano na Bahia, a taxa composta da subutilização da força de trabalho também decresceu, passando de 39,6% para 39,0% do quarto trimestre de 2018 para o trimestre mais atual – um encolhimento, portanto, de 0,6 ponto percentual e o sétimo maior registro da série⁷. No Brasil, a taxa ficou em 23,0% no período retratado. Assim como há um ano, a Bahia exibiu a segunda maior taxa de subutilização entre as unidades federativas. Em relação ao terceiro trimestre do ano, quando o referido indicador registrou 39,0%, houve estabilidade. Atualmente, 3,141 milhões de pessoas de 14 anos ou mais se encontram na condição de subutilizadas na Bahia.

O montante de desalentados em terras baianas no quarto trimestre deste ano foi de 774 mil pessoas, o terceiro maior da série⁸. Apesar do aumento de 2 mil (+0,3%) indivíduos nessa condição em um ano, houve queda de 7 mil (-0,9%) ao levar-se em consideração o terceiro trimestre de 2019. Trata-se do maior contingente populacional de desalentados do país, constatação que se repete desde o início da pesquisa. Atualmente, a Bahia concentra 16,8% da população desalentada brasileira. O percentual de pessoas desalentadas em relação à população na força de trabalho ou desalentada no estado ficou em 10,0% no último trimestre de 2019, o quarto maior registro da série histórica.

Considerando os grupamentos de atividade econômica, após um ano, o número de pessoas ocupadas aumentou em seis do total de dez setores. No caso, a ampliação do nível de emprego foi maior na *Indústria geral* (+11,4%), *Administração pública, defesa, seguridade, educação, saúde humana e serviços sociais* (+5,7%) e *Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca*

7 A taxa composta da subutilização da força de trabalho retrata a relação entre o grupo dos desocupados, subocupados por insuficiência de horas trabalhadas e força de trabalho potencial e o grupo delimitado pela força de trabalho ampliada (que é a soma da força de trabalho com a força de trabalho potencial).

8 Os desalentados são aqueles fora da força de trabalho que estavam disponíveis para assumir um trabalho, mas não tomaram providência para conseguir trabalho no período de referência de 30 dias por pelo menos uma das seguintes razões: a) não ter conseguido trabalho adequado; b) não ter experiência profissional ou qualificação; c) não haver trabalho na localidade; ou d) por ser considerado muito jovem ou idoso.

e *aquicultura* (+5,0%); e relativamente menor em *Serviços domésticos* (+2,2%), *Informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas* (+2,0%) e *Transporte, armazenagem e correio* (+1,8%). Em compensação, a ocupação decresceu nos setores de *Alojamento e alimentação* (-6,0%), *Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas* (-5,3%), *Construção* (-4,4%) e *Outros serviços*⁹ (-4,1%).

Com base na PNADC, em sua edição trimestral, o rendimento médio real de todos os trabalhos, habitualmente recebido por mês pelas pessoas ocupadas, no último trimestre de 2019, na Bahia, foi estimado em R\$ 1.597 – o quarto maior registro de toda a série. Em relação ao mesmo intervalo de 2018, quando o rendimento médio real estava em R\$ 1.628, houve recuo de 1,9%. Num comparativo com o trimestre anterior, quando o valor estava em R\$ 1.540, ocorreu uma variação positiva de 3,7%. A massa de rendimento real de todos os trabalhos, habitualmente recebido por mês, pelas pessoas ocupadas, foi estimada em R\$ 8,978 bilhões – elevação de 4,0% frente à do trimestre imediatamente antecedente, de R\$ 8,630 bilhões, e contração de 0,9% num comparativo com a do mesmo período do ano passado, cujo valor havia sido de R\$ 9,064 bilhões.

Tabela 4
Síntese das principais informações da PNADC – Bahia – 4º tri. 2018/3º tri. 2019/4º tri. 2019

Indicador	Estimativa			Variação	
	4º tri. 2018	3º tri. 2019	4º tri. 2019	4º tri. 2019/ 3º tri. 2019	4º tri. 2019/ 4º tri. 2018
Taxa de desocupação	17,4%	16,8%	16,4%	-0,4 p.p.	-1,0 p.p.
Nível da ocupação	48,2%	48,4%	48,5%	0,1 p.p.	0,3 p.p.
Taxa de participação na força de trabalho	58,4%	58,2%	58,0%	-0,2 p.p.	-0,4 p.p.
Taxa composta de subutilização da força de trabalho	39,6%	39,0%	39,0%	0,0 p.p.	-0,6 p.p.
Taxa de subocupação por insuficiência de horas trabalhadas	15,7%	15,7%	15,5%	-0,2 p.p.	-0,2 p.p.
Percentual de desalentados (1)	10,0%	10,1%	10,0%	-0,1 p.p.	0,0 p.p.
População em idade de trabalhar	11.925 mil	11.988 mil	11.989 mil	0,0%	0,5%
População na força de trabalho	6.964 mil	6.971 mil	6.950 mil	-0,3%	-0,2%
Ocupados	5.753 mil	5.802 mil	5.809 mil	0,1%	1,0%
Subocupados por insuficiência de horas trabalhadas	904 mil	913 mil	903 mil	-1,1%	-0,1%
Desocupados	1.211 mil	1.170 mil	1.141 mil	-2,5%	-5,8%
População fora da força de trabalho	4.961 mil	5.017 mil	5.039 mil	0,4%	1,6%
População na força de trabalho potencial	1.068 mil	1.048 mil	1.097 mil	4,7%	2,7%
Desalentados	772 mil	781 mil	774 mil	-0,9%	0,3%
População subutilizada	3.183 mil	3.131 mil	3.141 mil	0,3%	-1,3%
Rendimento médio real habitual	R\$ 1.628	R\$ 1.540	R\$ 1.597	3,7%	-1,9%
Massa de rendimento real (2)	R\$ 9.064	R\$ 8.630	R\$ 8.978	4,0%	-0,9%

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2020.

(1) Trata-se do percentual de pessoas desalentadas em relação à população na força de trabalho ou desalentada.

(2) Estimativa apresentada em milhões de reais.

9 O grupamento ocupacional *Outros serviços*, baseado na Classificação Nacional de Atividades Econômicas Domiciliar, engloba três seções: Artes, cultura, esporte e recreação; Outras atividades de serviços; e Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais.

PERSPECTIVAS PARA O MERCADO DE TRABALHO

Expectativa dos empresários baianos para o emprego

A Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano sonda as expectativas dos empresários de diversos setores sobre os mais variados temas, dentre os quais a inclinação à contratação futura de trabalhadores. Construído a partir das respostas do empresariado da Bahia em relação aos planos de abrir, manter ou encerrar vagas, o Indicador de Expectativas para Emprego (IEE) tem sido negativo desde abril passado, ou seja, há nove meses – mas isso, após cinco meses, de novembro de 2018 a março de 2019, com valor acima de zero.

Após o mês de janeiro, quando atingiu 102 pontos, maior patamar desde março de 2013, o referido indicador entrou em rota de declínio até maio. Nos meses seguintes, houve oscilação. O mês de agosto (-132 pontos), por exemplo, registrou o mais baixo nível do ano – aliás, o menor desde junho de 2018 (-149 pontos). Frente aos meses do terceiro trimestre, os do intervalo atual indicaram progresso: outubro, -76 pontos; novembro, -30 pontos; e dezembro, -44 pontos. No entanto, os resultados recentes continuaram sugerindo certa apatia nas intenções de contratações em curto e médio prazos.

Em relação ao desfecho do trimestre imediatamente antecedente, no entanto, a melhora do indicador, quanto ao emprego, não se deu de forma generalizada (Gráfico 7). Entre as atividades, quedas foram registradas na Indústria e no Comércio. Os setores de Agropecuária e Serviços, por outro lado, apontaram avanços das expectativas. Quanto ao estágio do indicador no último mês do ano, o grupamento de Serviços terminou no pior patamar entre os setores. Na outra ponta, o setor de Agropecuária revelou o maior nível de confiança em relação às contratações futuras. Além disso, mais uma vez, o otimismo se mostrou presente em três setores: Agropecuária, Indústria e Comércio.

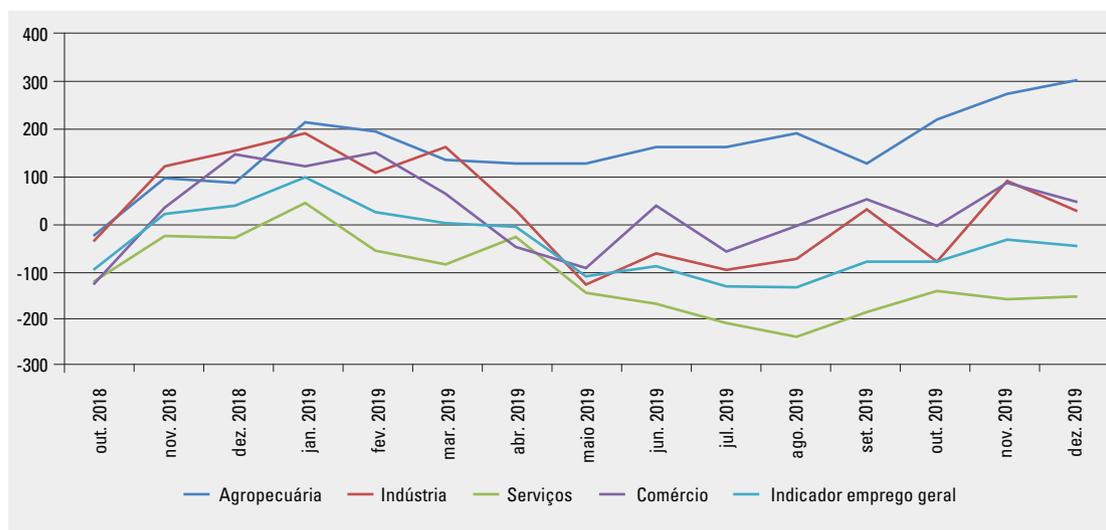


Gráfico 7

Evolução do Indicador de Expectativas para Emprego por setor de atividade – Bahia – Out. 2018-dez. 2019

Fonte: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI) – Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano.
Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2020.

No que diz respeito ao nível esperado de contratações futuras, 55,2% dos empresários planejam manter a quantidade atual de trabalhadores, 27,6% cogitam contratar e 17,1% dos entrevistados pretendem promover o desligamento de empregados (Gráfico 8). Pontualmente, após duas reduções seguidas, voltou a aumentar a distância entre a proporção das empresas com intenção em dilatar o quadro de pessoal e a das que preveem comprimir, com aquela se mostrando ainda maior do que esta na passagem de um trimestre para outro.

Conforme o gráfico abaixo, o intento do setor produtivo baiano de enxugar o quadro de funcionários recuou após duas elevações sucessivas e o maior patamar do ano de 2019. O fito de admitir, por sua vez, avançou pelo segundo trimestre consecutivo, mas ainda expôs um percentual abaixo do exibido no começo do ano. De resto, a perspectiva empresarial em manter o quantitativo de empregados voltou a se expandir, depois de ter comprimido no intervalo imediatamente antecedente. Apesar de resultados ainda comedidos e balanceados, os sinais que indicam esperança por uma recuperação do mercado de trabalho, mesmo que demorada e tardia, permanecem no horizonte.

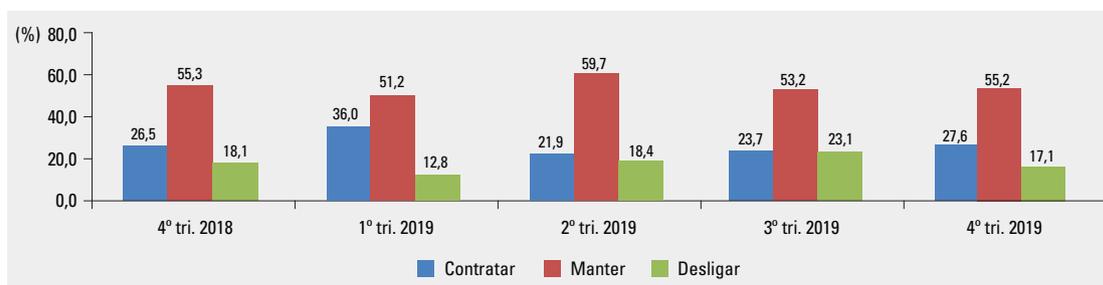


Gráfico 8
Percentual de respostas quanto ao quesito emprego por trimestre – Bahia – 4º tri. 2018-4º tri. 2019

Fonte: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI) – Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano.
Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2020.

Projeção do emprego formal

De acordo com a projeção realizada pela SEI, no quesito emprego formal, o mercado de trabalho baiano, após a perda registrada no último trimestre de 2019, retomará seu processo de recuperação no primeiro trimestre de 2020, com geração líquida prevista de 10.138 vínculos de trabalho regidos pela CLT (Tabela 5). Tal resultado, desde que se concretize, definirá a terceira vez consecutiva com expansão do mercado de trabalho celetista baiano logo no início do ano – isso após três anos em sequência exibindo cenário de atrofia no conjunto dos primeiros três meses, nos anos de 2015, 2016 e 2017.

Na hipótese de tal expectativa se confirmar, o resultado líquido de empregos com carteira assinada no intervalo em questão implicaria certo desapontamento, pois ficaria abaixo dos saldos edificados no primeiro trimestre dos dois últimos anos, representando um obstáculo inicial para que o ano de 2020 venha a superar o de 2019 em termos de geração de postos de trabalho celetista na Bahia. Entretanto, mesmo indicando um patamar inferior ao verificado para o conjunto dos primeiros três meses de 2018 e de 2019, tal projeção não enfraquece a tese de que algum processo de recuperação se encontra em curso no estado. Além do mais, numa análise temporal mais ampla envolvendo os primeiros trimestres, o resultado projetado representaria o terceiro melhor desde o registrado em 2015, quando houve perda líquida de 5.835 vínculos de trabalho celetistas.

A eclosão líquida de empregos com carteira assinada esperada para o primeiro trimestre de 2020 deverá ocorrer em sete dos oito grupamentos de atividades, sendo influenciada, principalmente, pelo comportamento dos setores de Serviços (+5.046 postos de trabalho), Agropecuária (+2.797 postos) e Construção Civil (+2.057 postos). Por outro lado, Comércio (-1.407 empregos celetistas) tende a se caracterizar como o único setor com decréscimo. As demais projeções podem ser visualizadas na tabela abaixo.

Tabela 5
Projeção do saldo de empregos formais por setor de atividade econômica – Bahia – 1º tri. 2020

Setor de atividade econômica	Saldo projetado
Extrativa Mineral	80
Indústria de Transformação	350
Serviços Industriais de Utilidade Pública	623
Construção Civil	2.057
Comércio	-1.407
Serviços	5.046
Administração Pública	592
Agropecuária	2.797
Total	10.138

Fonte: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2020.

O saldo projetado pela SEI conta com dados atualizados até dezembro de 2019.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A combinação de informações apresentadas neste boletim suscitou um misto de percepções. Se, por um lado, se mantêm as dúvidas do momento em que uma retomada propriamente dita possa efetivamente ser sancionada e a economia possa retornar aos patamares da fase pré-crise, por outro, não há como negar que alguns avanços vêm ocorrendo e que um processo de regeneração em certo grau se encontra em curso.

Com a atividade econômica experimentando uma recuperação lenta e conturbada, o mercado de trabalho, que mantém uma relação de subordinação aos ciclos econômicos, termina por não encontrar um ambiente propício para consumir um processo de melhoria substancial e abrangente. Por outro lado, os empresários locais, ao revelarem expectativas um pouco menos degradadas que aquelas observadas ao término do trimestre imediatamente passado, suscitam alguma esperança de progresso e, com isso, a melhora relativa da confiança passa a se constituir num importante ingrediente de reforço para a materialização de novos avanços num futuro não muito distante.

Contudo, como projetado pela SEI, o saldo líquido estimado para os próximos três meses na Bahia, caso se confirme, representaria um fardo inconveniente, pois impactaria sobremaneira as chances de um resultado melhor em 2020 do que em 2019 em termos de geração de postos. Mesmo sem anular o entendimento de que o mercado de trabalho local ainda experimenta alguma evolução, um resultado assim poderá gerar certo abatimento e enfraquecer o juízo de que a recuperação do emprego formal no estado possa vir a alcançar maior consistência e vigor em médio prazo. Entretanto, no momento, sem considerar o ambiente conjuntural do primeiro trimestre deste ano, a percepção continua sendo a de que o mercado de trabalho local seguirá o curso da reabilitação, mas provavelmente não deverá manifestar dinamismo extraordinário em curto e médio prazos. Portanto, hoje, com olhar ainda sobre o que ocorreu em 2019, de forma sucinta, ainda se pode arriscar dizer que o futuro parece mais promissor que a realidade vivenciada no período recessivo de outrora.

NOTAS METODOLÓGICAS

PESQUISA DE CONFIANÇA DO EMPRESARIADO BAIANO

A fim de monitorar o nível de confiança do setor produtivo do estado mensalmente, a Pesquisa de Confiança do Empresário Baiano efetua a produção contínua e sistemática de indicadores. O principal deles é o ICEB, Indicador de Confiança do Empresariado Baiano.

Realizada diretamente com federações, associações e sindicatos patronais representativos dos segmentos empresariais do Estado, a técnica de coleta utiliza um questionário com doze perguntas de cunho qualitativo e que versam sobre temas relacionados ao contexto macroeconômico (Inflação, Juros, PIB Nacional e PIB Estadual) e ao desempenho das empresas (Vendas, Crédito, Câmbio, Capacidade Produtiva, Situação Financeira, Emprego, Exportação e Abertura de Unidades).

Fruto de uma amostragem não-probabilística intencional, a Pesquisa conta, atualmente, com mais de cem entidades representativas dos setores produtivos do estado. A cobertura setorial da Pesquisa abrange quatro setores: Agropecuária; Indústria; Serviços; e Comércio.

Para chegar ao indicador geral é necessário, primeiramente, mensurar as respostas qualitativas do questionário. Atribui-se valor 1.000 para a resposta mais otimista; 500 para a resposta confiante; zero para a intermediária; -500 para aquela não confiante; e -1.000 para a mais pessimista. Desta maneira, é possível calcular indicadores por questão, tema e setor, sendo o ICEB fruto de uma média dos indicadores de confiança setoriais ponderados pelo valor adicionado de cada atividade no PIB.

O valor do ICEB e dos demais indicadores podem variar de -1.000 a 1.000. Dentro desse intervalo, quanto mais próximo de -1.000, maior o pessimismo associado. Em sentido contrário, mais perto de 1.000, maior o otimismo. O zero pode ser interpretado como ponto de indiferença.

Para efeitos ilustrativos, a Pesquisa trabalha com uma escala de grau de otimismo dividida em intervalos, a qual possibilita classificar o resultado conforme seu enquadramento: *Grande Pessimismo*, de -1.000 a -500; *Pessimismo*, de -500 a -250; *Pessimismo Moderado*, de -250 a zero; *Otimismo Moderado*, de zero a 250; *Otimismo*, de 250 a 500; e *Grande Otimismo*, de 500 a 1.000. Os valores de fronteira pertencem à zona imediatamente anterior, com o zero como ponto de orientação.

Escala do ICEB



PROJEÇÕES DO MERCADO DE TRABALHO FORMAL

As projeções do mercado de trabalho formal são construídas com base na metodologia de séries temporais. As estimativas são feitas para o número de admitidos e de desligados de cada um dos oito setores de atividade econômica. O saldo previsto para cada segmento será a diferença entre as admissões e os desligamentos projetados. O saldo geral, enfim, será o somatório dos saldos supostos para cada atividade.

O tratamento dado a determinado setor no processo de previsão depende de o mesmo ser considerado de menor ou maior impacto na dinâmica do mercado de trabalho local. O grupo de menor influência incorpora as atividades de Extrativa Mineral, Serviços Industriais de Utilidade Pública e Administração Pública. O de maior peso engloba Indústria de Transformação, Construção Civil, Comércio, Serviços e Agropecuária.

As séries do número de admissões e de desligamentos do setor, obtidas pelo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), são incluídas no procedimento de projeção independentemente do peso do segmento. O uso de variáveis explicativas, no entanto, somente ocorre para aquelas atividades apontadas como de maior impacto.

Para conceber tais previsões são utilizados o algoritmo de alisamento exponencial de Holt-Winters e a metodologia de Box-Jenkins com os modelos sazonais auto regressivos integrados de médias móveis (SARIMA) e sua extensão (SARIMAX). A adoção do modelo SARIMAX é para permitir a inclusão de variáveis explicativas.

